

John Marris

---

THE ONE

Tradução: Isadora Sinay

**GLOBALIVROS**

Amar ou ter amado é o bastante. Depois, não exijam mais nada. Além dessa não existe outra pérola escondida entre as dobras obscuras da vida.

VICTOR HUGO, *OS MISERÁVEIS*<sup>[1]</sup>

Obrigado por escolher **Case Seu DNA**®, o primeiro **TESTE CIENTIFICAMENTE COMPROVADO** do mundo que garante, com 100% de certeza, uni-lo à única pessoa por quem você está geneticamente destinado a se apaixonar.

Com mais de **1,7 bilhão de pessoas já casadas** ou cadastradas em nosso registro, esta é a forma infalível de você achar a **Pessoa Certa**.

SEU PAR PERFEITO ESTÁ A **TRÊS PASSOS DE VOCÊ:**



**Inscreva-se gratuitamente [aqui](#).**



**Receba nosso teste de DNA gratuito — envie-nos o cotonete dentro da embalagem fornecida e usaremos seu DNA para encontrar seu Par em nosso banco de dados.**



**Assim que acharmos seu Par, entraremos em contato. Por uma taxa única de £ 9,99 colocaremos vocês em contato. Oitenta e dois por cento dos clientes encontram seu Par em menos de sete dias.**

**Se você ainda não encontrou seu Par, não se preocupe!**

**Milhares de novos clientes se juntam a Case Seu DNA todas as semanas e 98% dos Pares se formam em menos de 6 meses de registro.**

**Case Seu DNA não pode ser responsabilizado por nenhum dano direto, indireto ou consequente relacionado ao uso deste serviço, incluindo, mas não se limitando a: dissolução de relacionamentos existentes; ferimentos ou morte que não resultem da negligência ou má conduta do Case Seu DNA. Os termos e as condições estão disponíveis [aqui](#).**



MANDY

MANDY ENCAROU A FOTO NA TELA de seu computador e perdeu o fôlego.

O homem sem camisa tinha cabelo castanho-claro curto e posava em uma praia com as pernas abertas e a parte de cima de seu traje de mergulho enrolada até a cintura. Seus olhos eram do tom mais claro de azul possível. Seu enorme sorriso exibia duas fileiras perfeitamente alinhadas de dentes brancos, e ela quase conseguia sentir o gosto da água salgada que lhe escorria pelo peito, pela prancha de surfe, até os pés.

— Ah, Senhor — sussurrou para si mesma, soltando demoradamente a respiração, que não tinha notado que estava prendendo. Ela sentiu as pontas dos dedos formigarem e seu rosto corar, e se perguntou como seu corpo reagiria a ele pessoalmente se era assim que respondia a uma simples fotografia.

O café no copo de plástico estava frio, mas ela ainda não havia terminado de tomá-lo. Fez um print da fotografia e o guardou em uma nova pasta em sua área de trabalho chamada “Richard Taylor”. Olhou em volta do escritório para conferir se

alguém observava o que ela andava aprontando em seu canto, mas ninguém estava prestando atenção.

Mandy rolou a tela para ver as outras fotos no álbum do Facebook intitulado “Pelo Mundo”. Ele certamente era viajado, ela notou, e tinha estado em lugares que ela só havia visto na TV ou em filmes. Em muitas fotos ele estava em bares, trilhas e templos, posando em pontos turísticos, aproveitando praias douradas e águas agitadas. E raramente sozinho. Ela gostou do fato de que ele parecia extrovertido.

Curiosa, voltou mais no tempo, quando ele entrou na rede social durante o ensino médio e também nos seus três anos na universidade. Ela até o achou atraente como um adolescente desajeitado.

Depois de uma hora e meia dissecando quase todo o histórico do belo estranho, Mandy seguiu para o Twitter, para ver o que ele sentia necessidade de compartilhar com o mundo. Mas ele só tagarelava sobre a ascensão e queda do Arsenal na Premier League, o que era ocasionalmente interrompido por retuítes de animais caindo ou colidindo com objetos fixos.

Os interesses deles pareciam muito diferentes, e ela se questionou por que exatamente eles teriam sido combinados e o que poderiam ter em comum. Então Mandy se lembrou de que não precisava mais da lógica dos sites e aplicativos de namoro; o Case Seu DNA se baseava em biologia, química e ciência — nada do que ela conseguia entender. Mas ela confiava nisso com todo seu coração, como milhões e milhões de pessoas.

Mandy seguiu para o perfil do LinkedIn de Richard, que mostrava que, desde que tinha se formado na Worcester University, dois anos antes, ele trabalhava como personal trainer em uma cidade a uns cinquenta quilômetros da dela. Não era de se espantar que seu corpo parecesse tão firme, ela pensou, e imaginou qual seria a sensação de tê-lo por cima dela.

Mandy não pisava em uma academia desde que tinha sido obrigada pelas irmãs, um ano atrás, que insistiram que ela deveria parar de se lamentar pelo casamento falido e começar a se concentrar na recuperação. Elas a levaram para um dia de spa em um hotel nas proximidades, onde Mandy foi massageada, depilada, tratada com pedras quentes, bronzeada e massageada de novo, até que todos os pensamentos sobre seu ex fossem desfeitos, assim como cada nó em suas costas e ombros, e como cada poro entupido em sua pele. A inscrição na academia veio com uma promessa de que ela cumpriria o programa de exercícios que lhe fora estabelecido. Motivar-se a se exercitar com regularidade ainda não havia se tornado parte da sua rotina semanal, mas ela pagava a mensalidade mesmo assim.

Mandy começou a imaginar como seriam seus filhos com Richard, e se eles herdariam os olhos azuis do pai ou os castanhos dela; se teriam o cabelo escuro e a pele morena como a dela ou os cabelos e a pele claros como os dele. Ela se pegou sorrindo.

— Quem é esse?

— Meu Deus! — Mandy gritou. A voz a fez saltar. — Você quase me mata de susto.

— Bem, você não deveria estar vendo pornografia no trabalho. — Olivia sorriu e lhe ofereceu um doce de um pacote da Haribo. Mandy recusou com um aceno de cabeça.

— Não é pornografia, ele é um velho amigo.

— Aham, sei. Mas fique de olho em Charlie, ele quer uns números de vendas do seu relatório.

Mandy revirou os olhos, então conferiu as horas no relógio no canto da sua tela. Ela percebeu que se não começasse a trabalhar logo, acabaria levando trabalho para casa. Clicou no pequeno *x* no canto e xingou sua conta do Hotmail por ter presumido que seu e-mail de confirmação do Case Seu DNA era spam. Ele tinha ficado no seu lixo eletrônico por seis semanas, até que, por sorte, ela o havia descoberto no início da tarde.

— Mandy Taylor, esposa de Richard Taylor, prazer em conhecê-lo — sussurrou. Ela notou que estava brincando distraidamente com uma aliança invisível em volta de seu anelar esquerdo.



## CHRISTOPHER

CHRISTOPHER SE REMEXEU DE UM LADO para outro até achar uma posição confortável.

Posicionou os cotovelos em um ângulo de noventa graus sobre os braços da poltrona e inspirou profundamente para sentir o cheiro do estofamento de couro. Ela não tinha economizado na qualidade, ele pensou, confiante, tanto pelo cheiro como pelo toque suave, que o móvel não havia sido comprado em alguma loja vagabunda.

Enquanto ela estava na cozinha adjacente, Christopher ficou observando o apartamento. Ela morava no térreo de um prédio vitoriano imaculadamente restaurado, que, segundo um vitral acima da porta da frente, um dia havia sido um convento. Ele admirou seu gosto por ornamentos de cerâmica, dispostos em prateleiras embutidas nas paredes que cercavam a chaminé da lareira. Mas seu gosto literário deixava muito a desejar. Ele torceu o nariz para as edições de bolso de obras de James Patterson, Jackie Collins e J. K. Rowling.

Em outro ponto do cômodo, uma bandeja quadrada, coberta de camurça, estava no meio de uma pesada mesinha

de centro, onde também havia dois controles remotos. Quatro jogos americanos combinando tinham sido arrumados em volta, perfeitamente. O uso que ela fazia da simetria o tranquilizou.

Christopher passou a língua pelos dentes e esbarrou em uma lasca de pistache que se fixara entre o incisivo e o canino. Quando ela não se moveu, ele usou a unha, mas ainda assim não adiantou, então ele fez uma nota mental para inspecionar o armário do banheiro em busca de fio dental antes de sair. Uma vez ele desistiu de um encontro no meio da refeição porque a mulher estava com um pedaço de couve no dente.

Algo vibrando em seu bolso fez cócegas perto de sua virilha, uma experiência não de todo desagradável. Como de costume, Christopher era bem disciplinado quanto a desligar seu telefone nos momentos apropriados, e ele odiava pessoas que não lhe estendiam a mesma cortesia. Mas, naquele dia, tinha aberto uma exceção.

Ele pegou o celular e leu a mensagem na tela. Era um e-mail do Case Seu DNA. Lembrou-se então de que, por impulso, havia mandado uma amostra de sua saliva para eles meses atrás, mas ainda não tinha recebido um Par. Até agora. A mensagem perguntava se ele gostaria de pagar para receber os detalhes. “Eu gostaria?”, ele pensou. “Eu gostaria mesmo?” Guardou o celular e se perguntou qual seria a aparência do seu Par, antes de concluir que era inapropriado pensar em outra mulher enquanto ainda estava acompanhado.

Christopher se levantou e voltou para a cozinha, encontrando a mulher onde a havia deixado minutos antes,

deitada de costas no chão frio de ardósia, com o garrote ainda em volta do pescoço. Ela não sangrava mais, as últimas gotas haviam se concentrado em volta da gola de sua blusa.

Ele sacou uma câmera Polaroid do bolso do casaco e a usou para tirar duas fotografias idênticas do rosto dela, e esperou pacientemente que elas fossem reveladas. Pôs as duas fotos em um envelope A5 e o guardou no bolso do casaco.

Então Christopher jogou seu kit na mochila e saiu, esperando até que tivesse deixado a escuridão do jardim para retirar a cobertura de plástico dos sapatos, a máscara e a touca.

JADE

JADE SORRIU QUANDO UMA MENSAGEM DE Kevin surgiu na tela do seu celular.

Boa noite, moça linda, como vai você?

Ela gostava de como Kevin sempre começava as mensagens com a mesma frase.

Jade respondeu:

Estou bem, obrigada. Mas estou acabada.



Desculpa não ter mandado mensagem mais cedo. Foi um dia corrido. Eu não te irritei, né?

É, um pouco, mas você sabe como posso ser uma velha ranzinza. O que você tem feito?



Apareceu na tela a foto de um celeiro e de um trator sob um sol escaldante. Dentro do celeiro ela mal conseguia notar as vacas atrás das barras de metal e o equipamento de ordenha ligado às tetas delas.

Eu estava consertando o telhado do celeiro. Não que tenha previsão de chuva, mas é melhor resolver logo. Como vai você?

Eu estou na cama, de pijama, olhando aqueles hotéis estranhos no site do Lonely Planet, do qual você me falou.

Jade passou o notebook para o chão e fitou o mural de lugares que ela gostaria de visitar.

Não são incríveis? Precisamos viajar pelo mundo e conhecê-los juntos algum dia.

Às vezes me bate um arrependimento de não ter tirado um ano depois da facul para mochilar com as minhas amigas.

Por que você não fez isso?

Essa é uma excelente pergunta. Dinheiro não nasce em árvores no lugar de onde eu

venho.

“Mas bem que podia”, ela pensou. Os pais de Jade não tinham muito dinheiro, e ela teve que pagar por seus estudos. Tinha uma dívida estudantil do tamanho do rio Tyne para quitar, enquanto suas colegas com quem dividia casa na época da faculdade foram viver esse sonho e viajar pela América. As atualizações constantes no Facebook, com as fotos de todas se divertindo sem ela, a deixavam fervilhando de inveja.

Eu odeio interromper você, gata, mas meu pai quer ajuda para alimentar o gado. Me manda mensagem mais tarde?

Irritada por terem acabado com o tempo deles juntos depois de ter passado a noite toda esperando para falar com Kevin, Jade respondeu:

Você tá brincando?

Te amo, beijos.

Tá, que seja.

Jade respondeu e largou o celular. Um minuto depois, ela o pegou de volta e digitou.

Também te amo. Beijos.

Jade saiu de debaixo da colcha grossa e pôs o celular para carregar em cima da mesa de cabeceira. Olhou para o espelho de corpo inteiro, que tinha imagens de suas amigas ausentes coladas na moldura, e jurou diminuir os círculos escuros em volta de seus olhos azuis dormindo mais e bebendo mais água. Fez uma nota mental para cortar seus cachos ruivos no fim de semana e se mimar com um bronzamento artificial. Ela sempre se sentia melhor quando sua pele pálida ganhava um toque de cor.

Jade voltou para a cama e se perguntou quão diferente sua vida seria se ela tivesse tirado aquele ano sabático com as amigas. Talvez tivesse lhe dado coragem de ignorar a pressão dos pais para que voltasse para Sunderland depois dos três anos em Loughborough. Como primeira da família a ter conseguido um lugar na universidade, eles não eram capazes de entender por que as empresas não estavam batendo à sua porta com ofertas de emprego assim que ela se formou. E com as faturas do cartão de crédito e dos empréstimos crescendo, Jade tinha pouca escolha além de declarar falência aos vinte e um anos ou voltar para o sobrado familiar de onde pensou ter escapado.

Ela detestava a pessoa raivosa e frustrada que tinha se tornado, mas não sabia como mudar. Ressentia-se dos pais por eles a terem feito voltar, e começou a se afastar. Quando

conseguiu dinheiro para alugar o próprio apartamento, eles mal estavam se falando.

Jade também os culpava por seu fracasso em entrar na carreira de viagens e turismo, e por fazerem-na passar seus dias na recepção de um hotel fora da cidade. Deveria ter sido um trabalho temporário, mas em algum momento no meio do caminho ele se tornou permanente. Jade estava cansada de ficar tão irritada com todo mundo, e desejava voltar para a vida que tinha imaginado para si mesma.

O único momento bom em cada Dia da Marmota era conversar com o homem que tinham arranjado para ela no Case Seu DNA. Kevin.

Ela sorriu para a fotografia mais recente de Kevin que tinha recebido, olhando para ela de sua moldura na estante. Ele tinha os cabelos e as sobrancelhas loiros, quase brancos, um sorriso que ia de orelha a orelha, e seu corpo bronzeado era esguio, mas musculoso. Ela não poderia tê-lo inventado se tentasse.

Ele só tinha lhe mandado algumas fotos nos sete meses em que vinham conversando, mas, desde o momento em que se falaram ao telefone pela primeira vez, Jade sentiu um arrepio sobre o qual lia nas revistas, e então teve certeza de que nenhum homem na terra combinava mais com ela.

O destino era um babaca por colocar seu Par no outro lado do mundo, na Austrália. Talvez um dia ela possa encontrá-lo, se tiver dinheiro.



NICK

— AH, VOCÊS TOTALMENTE DEVIAM FAZER isso — Sumaira insistiu, com um grande sorriso no rosto e um brilho demoníaco nos olhos.

— Por quê? Eu já achei minha alma gêmea — Sally disse, entrelaçando os dedos nos de Nick.

Nick se inclinou por cima da mesa e pegou a garrafa de *prosecco* com a outra mão, virando as últimas gotas na sua taça.

— Alguém quer mais uma rodada? — perguntou. Depois de um sim caloroso dos outros três convidados, ele soltou a mão da noiva e foi para a cozinha.

— Mas você quer ter certeza, não quer? — Sumaira pressionou. — Quer dizer, vocês são ótimos juntos, mas nunca se sabe quem está lá fora...

Nick voltou da cozinha com uma garrafa — a quinta da noite — e foi servir a bebida a Sumaira.

Deepak pôs a mão sobre a taça da esposa.

— Ela está bem, cara. A sra. Língua Solta aqui já bebeu o suficiente por hoje.

— Estraga-prazeres — Sumaira disparou, fazendo uma careta. Ela se virou de volta para Sally. — Tudo que estou dizendo é que é bom ter certeza de que achou o cara certo antes de entrar na igreja.

— Você faz soar tão romântico — disse Deepak, revirando os olhos. — Mas não é você que tem que tomar essa decisão por eles, é? Se eles estão bem, pra que tentar consertar?

— O teste funcionou pra gente, não funcionou? Quer dizer, nós já sabíamos, mas nos deu a segurança de que sempre estivemos destinados a ficar juntos.

— Podemos não virar um daqueles casais esnobes e moralistas, por favor?

— Não precisamos ser um casal para sermos esnobes e moralistas, querido.

Agora foi Sumaira quem revirou os olhos. Ela bebeu o que restava em sua taça sob o olhar atento do marido.

Nick descansou a cabeça no ombro da noiva e olhou pela janela, para o brilho dos faróis dos carros e para as figuras reunidas na calçada em frente ao pub. Eles moravam em um apartamento que era uma antiga fábrica reformada, e as janelas iam do chão ao teto — era impossível não ver a rua agitada lá fora e como a vida dele costumava ser. Havia não muito tempo, uma noite normal dele era feita de uma ronda pelos bares das áreas descoladas e ricas de Birmingham, antes de pegar no sono em um ônibus noturno e acordar a muitas paradas de casa.

Mas as prioridades dele haviam mudado quase do dia para a noite quando conheceu Sally. Ela tinha trinta e poucos anos

— cinco a mais que ele —, e Nick soube desde a primeira conversa sobre filmes antigos de Hitchcock que havia algo diferente nela. Em seus primeiros dias juntos, Sally se divertiu abrindo a mente dele para novas viagens, novas comidas, novos artistas e novos músicos, e Nick passou a ver o mundo por outra perspectiva. Quando a olhava, com as maçãs do rosto salientes, cabelo castanho curtinho e olhos acinzentados, ele desejava que algum dia seus filhos herdassem a boa aparência e a mente aberta da mãe.

Nick não tinha certeza do que oferecia a Sally em troca, mas, quando a pediu em casamento no aniversário de três anos de namoro em um restaurante em Santorini, Sally chorou tanto que ele não sabia se ela estava aceitando ou recusando.

— Se vocês dois são o melhor exemplo de um Par Perfeito, estou bem feliz que Sal e eu fiquemos como estamos — provocou Nick, empurrando os óculos para esfregar os olhos cansados. Ele pegou seu cigarro eletrônico e deu várias tragadas. — Estamos juntos há quase quatro anos, e agora que ela prometeu me amar, honrar e obedecer, estou 100% certo de que fomos feitos um para o outro.

— Espera aí, “obedecer”? — Sumaira interrompeu, arqueando uma sobrancelha. — Você deve ter muita sorte.

— Você me obedece — acrescentou Deepak, confiante. — Todo mundo sabe que sou eu quem uso calças nessa relação.

— Com certeza você usa, amor, mas se pergunte quem as compra pra você.

— E se, no entanto, não formos? — Sally perguntou subitamente. — E se não formos feitos um para o outro?



Até então Nick tinha ouvido com aparente diversão Sumaira tentar convencê-los a fazer o teste do Case Seu DNA. Não era a primeira vez que ela havia mencionado o assunto nos dois anos que eles a conheciam, e Nick tinha certeza de que não seria a última. A amiga de Sally podia ser agressiva e persuasiva ao mesmo tempo. Mas ele ficou surpreso ao ouvir Sally dizer isso. Ela sempre havia sido contra o Case Seu DNA, assim como ele.

— Como é? — ele disse.

— Você sabe que eu te amo de todo o coração, e quero passar o resto da vida com você, mas... e se não formos realmente almas gêmeas?

Nick franziu a testa.

— De onde você tirou isso?

— Ah, de lugar nenhum, não se preocupe, não estou com dúvidas nem nada assim. — Ela lhe deu um tapinha no braço. — É que eu estava pensando se estamos apenas satisfeitos de *pensarmos* que somos certos um para o outro ou se queremos *saber* com certeza.

— Querida, você está bêbada. — Nick a ignorou e coçou o queixo. — Eu estou perfeitamente feliz sabendo o que sei e não preciso de um teste para me dizer isso.

— Eu li em algum lugar na internet que o Case Seu DNA vai destruir cerca de três milhões de casamentos. Mas daqui a uma geração, divórcio mal vai existir — Sumaira disse.

— É porque casamento não vai existir também — Deepak argumentou. — Vai se tornar uma instituição ultrapassada, anote o que eu digo. Você não vai precisar provar nada para



ninguém porque todo mundo estará com a pessoa a quem está destinado.

— Você não está me ajudando — Nick disse, enfiando seu garfo nas sobras do cheesecake de framboesa de Sally.

— Desculpa, cara, você está certo. Vamos brindar. À certeza do acaso.

— À certeza do acaso — os outros responderam e tocaram as taças.

Todas as taças, menos a de Sally, encostaram na dele.

ELLIE

ELLIE DESLIZOU O DEDO PELA TELA do tablet e sentiu raiva da enorme lista de tarefas que ainda tinha que concluir antes de seu dia de trabalho terminar.

Sua assistente, Ula, era muito eficiente e atualizava e organizava a lista cinco vezes ao dia, mesmo que Ellie nunca lhe tivesse pedido isso. Em vez de achar isso útil, Ellie com frequência ficava irritada tanto com o tablet quanto com Ula por sempre serem responsáveis por lembrá-la de sua incapacidade para concluir as tarefas. Às vezes tinha vontade de fazer Ula engolir o aparelho.

Ellie esperava que, àquela altura, sendo sua própria chefe, teria contratado uma equipe confiável o bastante para delegar grande parte de sua carga de trabalho. Porém, conforme o tempo passava, ela gradualmente começava a aceitar o rótulo de “controladora maldita” que um ex-namorado um dia havia jogado na sua cara.

Ellie olhou para o relógio. Eram 10h10 da noite, e ela percebeu que já havia perdido os drinques de comemoração do seu gerente de operações, que tinha acabado de ser pai.

Duvidava que alguém tivesse acreditado em sua promessa de ir — ela raramente tinha tempo para confraternizar — e, embora encorajasse sua equipe a fazê-lo, e até subsidiasse o clube da empresa, quando se tratava de sua própria participação, o tempo tinha o hábito de lhe escapar, apesar de suas melhores intenções.

Ellie soltou um grande bocejo e olhou para fora das janelas que iam do chão ao teto. Seu escritório pretensiosamente despretensioso ficava no septuagésimo primeiro andar do Shard, e a vista panorâmica lhe permitia ver além do Tâmis logo abaixo, na direção das luzes coloridas que iluminavam o céu noturno até onde os olhos alcançassem.

Ela tirou seus saltos Miu Miu e andou descalça pelos grossos tapetes brancos que cobriam o chão, na direção do armário de bebidas no canto da sala. Ignorou o estoque de champanhe, vinho, uísque e vodca e escolheu uma das várias latas geladas de energético. Ela serviu a bebida em um copo com cubos de gelo e deu um gole. A decoração do escritório era tão esparsa quanto a da sua casa, percebeu. Não dizia nada sobre ela. Mas quando você não se importa o suficiente com suas próprias decisões, era bem mais conveniente pagar designers de interiores para tomá-las por você.

O trabalho de Ellie era sua prioridade, não quantos fios tinha o lençol de algodão egípcio em sua cama, quantas pinturas de David Hockney estavam penduradas nas paredes ou quantos cristais Swarovski tinham sido usados no lustre do corredor.

Ela voltou para a mesa e, com relutância, olhou para a lista de afazeres do dia seguinte que Ula já tinha compilado. Esperou que seu motorista e chefe de segurança, Andrei, a levasse para a casa, onde planejava ler as sugestões do departamento de relações públicas sobre o discurso que faria para a imprensa sobre uma nova atualização em seu aplicativo. Essa atualização revolucionaria a indústria, então ela precisava acertar.

Às cinco e meia da manhã seguinte, um cabeleireiro e um maquiador a encontrariam em sua casa em Belgravia, antes de as entrevistas serem gravadas para CNN, BBC News, Fox News e Al Jazeera. Depois disso, ela se sentaria com um jornalista do *Economist*, posaria para algumas fotos para a Press Association e, com sorte, chegaria em casa antes das dez. Não era a melhor forma de começar um sábado, pensou.

A assessora de imprensa de Ellie tinha avisado as agências de notícias que ela só estava disposta a discutir o trabalho, e perguntas sobre sua vida pessoal estavam fora de questão. Foi por isso que ela acabara de recusar um perfil completo feito pela *Vogue*, com uma sessão com a lendária fotógrafa Annie Leibovitz. A matéria poderia ter sido extensa e publicada em revistas por todo o mundo, mas não valia o custo da sua privacidade, que já tinha sofrido o suficiente ao longo dos anos.

Além de ser claramente desinteressada pela vida fora do trabalho, Ellie também não queria falar em público sobre o nível de críticas que seu negócio recebia — ela confiava na equipe de RP para lidar com qualquer questão negativa por ela.



Tinha aprendido com os erros do finado Steve Jobs ao lidar com os problemas de antena do iPhone 4 e quanto dano isso havia causado, na época, à reputação tanto da marca como da figura do próprio Steve.

Seu celular pessoal se acendeu na mesa. Poucas pessoas recebiam o privilégio de ter esse número ou seu e-mail particular; na verdade, só uma dúzia de seus quatro mil empregados espalhados pelo mundo e membros da família que ela mal tinha tempo de ver. Não é que ela não pensasse com frequência em seus parentes — ela investiu dinheiro suficiente neles ao longo dos anos para compensar a sua ausência —, mas tudo se resumia a não existirem horas suficientes no dia e à falta de entendimento mútuo. Ellie não tinha filhos; eles tinham. Eles não tinham uma companhia global e multibilionária para comandar; Ellie tinha.

Ela ergueu o celular e reconheceu o e-mail na tela. Curiosa, abriu. “Case Seu DNA confirmado”, dizia. Ela franziu as sobrancelhas. Embora tivesse se inscrito no site muito tempo atrás, sua reação imediata ainda era desconfiar que alguém da sua equipe estivesse fazendo uma piada com ela.

Ellie Ayling. Seu Par é Timothy, homem, Leighton Buzzard, Inglaterra. Por favor, veja as instruções abaixo para descobrir como acessar o perfil completo dele.

Ela pôs o telefone na mesa e fechou os olhos.

— É a última coisa de que eu preciso — resmungou para si mesma, desligando o celular.

MANDY

— VOCÊ JÁ TEVE NOTÍCIAS DELE?

— Ele mandou mensagem ou algum e-mail?

— De onde ele é?

— Com o que trabalha?

— Como é a voz dele? Grave e sexy ou ele tem sotaque?

A avalanche de perguntas da família de Mandy chegou com força e rapidamente. Suas três irmãs e sua mãe se agruparam em volta da mesa de jantar, famintas por informações sobre seu Par, Richard. Elas estavam igualmente famintas pelo conteúdo das quatro caixas de pizza, pães de alho e molhos espalhados na frente delas.

— Não. Não. Peterborough. Ele é personal trainer e, não, eu não sei como é a voz dele — Mandy respondeu.

— Mostre a foto dele então! — Kirstin acrescentou. — Estou morrendo de curiosidade.

— Eu só tenho algumas que peguei no perfil dele no Facebook. — Na verdade, eram umas cinquenta fotos, mas Mandy não queria que elas soubessem o quão a fim do cara estava.

— Ah, meu Deus, você não quer mostrar porque ele mandou uma foto do pinto, não foi?! — a mãe dela concluiu.

— Mãe! — Mandy se assustou. — Eu te disse, nós ainda não nos falamos, e eu não vi uma foto do pinto dele.

— Falando em pinto, vou começar o banquete com linguiça — disse Paula, oferecendo um pedaço para a irmã. Mandy balançou a cabeça. Ela acreditava que, enquanto as irmãs casadas podiam descansar com a consciência tranquila e comer o quanto quisessem, ela precisava tomar cuidado com o que comia. Não importava que fosse dia de folga também; segundo a revista *Grazia*, a diferença entre o tamanho 42 e o 44, muitas vezes, é só uma mordida.

Mandy escolheu a foto de um Richard surfista sem camisa e deslizou o celular pela mesa para que a família visse.

— Caramba, o desgraçado é gostoso! — Paula guinchou. — Mas ele deve ser uns dez anos mais novo que você! Você tem um gigolô, você é uma dessas coroas agora, é?

— Então, quando você vai conhecê-lo? — Kirstin perguntou.

— Eu ainda não sei, precisamos começar uma conversa primeiro.

— Ela está esperando outra foto do peru dele para ter certeza de que ele passa no teste — Karen disse, e todas caíram na risada.

— Suas mentes-sujas — Mandy sentenciou. — Eu queria não ter dito nada.

Ela ficou feliz por, pela primeira vez na vida, ter boas notícias sobre sua vida amorosa para dar à família. Com três



irmãs mais novas que já tinham se casado — todas elas com seus Pares de acordo com o DNA —, ela era tomada por inseguranças, e passou a se sentir excluída, especialmente quando começaram a ter filhos. Mandy era uma divorciada de trinta e sete anos, e estava pressentindo que nunca seria outra coisa. No entanto, desde que Richard tinha entrado na sua vida — embora ainda não pessoalmente —, tudo parecia melhor, e tudo que ela conseguia pensar era em como as coisas estavam prestes a mudar para melhor.

O e-mail de confirmação que ela havia recebido do Case Seu DNA a informava de que Richard tinha marcado a caixinha que dizia que, no caso de um Par, suas informações de contato podiam ser divulgadas. Ele também teria recebido uma notificação informando-o da mesma coisa, assim como o contato de Mandy, mas ainda não tinha feito qualquer tipo de comunicação. O suspense a estava matando. No entanto, Mandy no fundo era uma mulher à moda antiga e acreditava que era função do homem tomar a iniciativa.

— Certo, isso é o que você precisa fazer — começou Kirstin. — Primeiro mande uma mensagem pra ele. Seja proativa e marque uma data pra vocês se conhecerem pessoalmente, em um restaurante ou algo assim... um dos chiques, tipo Carluccio's ou Jamie's. Então faça com que ele espere alguns encontros antes de permitir que ele a beije, e mais um tempinho pra outra coisa.

— Ah, não dê atenção para essas bobagens — interrompeu Paula, que deu uma longa tragada no cigarro eletrônico. — A beleza de receber um Par é que você não tem que perder



tempo com todos esses joguinhos estúpidos. Você já sabe que são perfeitos um para o outro, então trepem até cansar.

Mandy sentiu o rosto corar.

A mãe delas balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Mandy não é como você, Paula — disse Karen. — Ela sempre foi devagar.

— E olha no que isso deu. — Paula se virou para Mandy e disse: — Sem querer ofender. Mas o que estou dizendo é que ela não precisa mais ir devagar. Mamãe daria o braço direito pra ser avó mais uma vez, e Karen e eu gastamos dinheiro demais em vaginas perfeitas pra querer parir outra criança. E Kirstin, sim, eu sei que lésbicas também podem ter bebês, mas você está ocupada demais explorando tudo por aí para pensar em arranjar alguém. Mandy, o neto número quatro é com você. Só pense que a essa altura no próximo ano, você pode estar casada e grávida.

Todos os olhos se viraram preocupados para Paula, que rapidamente disse:

— Desculpa, eu não pensei.

— Tudo bem. — Mandy baixou os olhos para a mesa.

Mandy sempre quis ter filhos e, quando estava casada com Sean, eles quase conseguiram. Ela e seu namoradinho de escola tinham se casado logo depois da formatura, guardaram dinheiro, compraram uma casa juntos e tentaram começar uma família. Perder os bebês tinha feito seu mundo desabar, e isso tinha sido parte do motivo para o casamento desmoronar. Às vezes, à noite, com apenas o silêncio como companhia em seu quarto, ela jurava que conseguia ouvir seu relógio biológico

trabalhando. Ela provavelmente tinha menos de uma década sobrando para conceber uma criança naturalmente e, ainda assim, seu corpo talvez enfrentasse complicações. Durante as muitas noites em que havia passado cuidando de seus sobrinhos, ela desejou dolorosamente ter seu próprio filho, alguém para amar de forma incondicional. Claro que ela amava os filhos das irmãs, mas não era a mesma coisa, nem de longe. Ela sonhava em ter alguém que tivesse ajudado a criar e a moldar, alguém que dependesse dela, que precisasse dela, que sempre a procurasse para ter uma orientação e que, até que ela morresse, a chamasse de “mãe”.

Pensar em virar uma solteirona era uma ideia terrível, e conforme os anos corriam, Mandy se preocupava que, em vez de uma possibilidade, isso estava se tornando uma perspectiva real de futuro.

— Eu acho que você está se precipitando um pouco — Mandy disse. — Eu vou deixar que ele dê o primeiro passo e vamos ver para onde iremos a partir daí, certo?

As outras concordaram com relutância e Mandy se lembrou de como, não muito tempo atrás, ela havia tido medo de se inscrever no Case Seu DNA. Seu casamento tinha se tornado instável por causa dos abortos, mas o golpe final foi quando seu marido de repente a trocou por uma mulher onze anos mais jovem do que ela. Sean tinha feito o teste sem contar a Mandy e recebido um Par. Ele imediatamente terminou o casamento e, quando a casa foi vendida, mudou-se para um castelo no interior da França, em Bordeaux, para morar com

seu Par francês. Mandy ficou para recolher os pedaços — um pequeno apartamento e um coração partido.

Case Seu DNA não era mais o inimigo — o tempo a havia curado. E agora, depois de três anos solteira, ela estava pronta para dividir a vida com alguém de novo, dessa vez com alguém feito para ela, em vez de deixar para o acaso.

O que poderia dar errado?

Ela esperava que seu Par pensasse a mesma coisa, embora estivesse demorando para entrar em contato. Rezou para que ele já não fosse casado, e que ela não estivesse prestes a desmanchar um lar feliz, como Régine tinha feito com ela, só para conseguir o marido e os filhos que eram dela por direito.

## CHRISTOPHER

CHRISTOPHER SENTOU-SE À ESCRIVANINHA ANTIGA DE madeira no quarto pequeno que ficava no fundo de seu apartamento de dois andares.

Ligou os dois computadores e os teclados bluetooth e ajustou suas posições até estarem perfeitamente paralelos. Abriu seus e-mails na primeira tela e na segunda passou por vários programas antes de clicar no Onde Está Meu Celular?, que ele tinha baixado uns meses atrás. Vinte e quatro números de telefone diferentes apareceram na tela, mas só dois piscaram verde para indicar que seus donos estavam se movendo. Era o normal para essa hora da noite, ele pensou.

Foi o penúltimo número que despertou sua curiosidade. Ele abriu um mapa na sua barra de ferramentas e acrescentou um círculo vermelho que indicava onde o usuário estava. O GPS do celular dela oferecia a localização atual como a rua da sua casa.

De acordo com seu padrão normal de comportamento, a Número Sete teria acabado de terminar um turno no restaurante simples do Soho onde trabalhava até as onze da



noite. Ela teria tomado o ônibus número 29 para casa. Ele previa que ela estaria acomodada na cama na próxima hora, antes de começar seu segundo emprego como faxineira em um escritório no centro de Londres às seis da manhã. Era nessas horas intermediárias que o trabalho de Christopher podia começar.

Quando fazia suas escolhas, ele pensava em como as alcançaria, e conhecia razoavelmente bem a distância entre a casa dele e a de todas elas. Tinha aprendido com o erro de outros como ele. Não deveria haver um padrão em suas marcas — é preciso manter tudo aleatório na superfície, mas em perfeita ordem por baixo. E com o tempo entendeu para quais propriedades ele deveria ir de carro, a quais seria melhor chegar de bicicleta e para quais deveria ir a pé.

O apartamento da Número Sete era uma caminhada de vinte minutos da casa dele.

— Perfeito — murmurou, feliz consigo mesmo.

Mas sua atenção foi desviada do círculo vermelho em uma tela para outra, que mostrava suas dezenas de contas de e-mail. O e-mail do Case Seu DNA tinha permanecido fechado desde que apareceu na sua caixa de entrada quatro noites antes, quando ele estava preocupado com a Número Seis. Mas, ao vê-lo de novo, ficou curioso em saber qual mulher a biologia havia determinado para ele. Pelo menos esperava que fosse uma mulher — ele tinha lido histórias sobre pessoas cujo Par era alguém do mesmo sexo ou décadas mais velho. Ele não queria ser amado por um gay ou por um idoso. Na verdade, Christopher não queria ser amado por ninguém. Ele tinha

perdido tempo suficiente em relacionamentos breves durante seus trinta e três anos de vida para compreender o esforço exigido para satisfazer outra pessoa. Isso não era para ele.

Ainda assim, apesar de todos os empecilhos que um Par potencial representava, ele ainda estava curioso para saber quem seria. Olhou pela janela para a escuridão do jardim e se permitiu imaginar quão divertido seria continuar seu projeto enquanto fingia viver uma existência normal sendo parte de um casal.

Ele abriu o e-mail. “Amy Brookbanks, mulher, 31, Londres, Inglaterra”, dizia, informando o endereço de e-mail dela. Ele gostava do fato de ela não ter dado seu número de celular, mostrava precaução. Muitas das garotas na lista dele não tiveram esse grau de preocupação e isso tinha sido — e continuaria a ser — a ruína delas. Ele decidiu que quando voltasse para casa mais tarde mandaria um e-mail para Amy e se apresentaria, só para ver o que ela diria.

Como previsto, em sua outra tela, a localização do telefone da Número Sete continuou parada. Satisfeito, ele desligou os dois monitores, trancou o quarto e foi até o armário da cozinha, onde deixava sua bolsa. Ele guardou o arame para cortar queijo com pegadores de madeira, além de seu celular pré-pago com o número dela grudado na parte de trás, suas luvas e sua Polaroid.

Enquanto calçava as luvas e vestia o casaco, Christopher olhou para a câmera. Não era uma original dos anos 1970, porque o papel exigido para cada foto era fácil demais de a polícia rastrear. O papel da sua câmera estava disponível em

qualquer lugar, e a câmera em si era digital, com recursos de ponta, como filtros coloridos. Cada Número de sua lista tinha uma foto de perfil que também tinha sido “instagramada” e, enquanto ele fechava a porta de casa, ajustando as alças da mochila e andando rapidamente pela rua silenciosa, Christopher sabia que queria que seus Números estivessem com a melhor aparência possível, mesmo mortos.

## JADE

ENTRETIDA, JADE OLHAVA ENQUANTO as esteticistas do spa do hotel, Shawna e Lucy, abriam suas sacolas de plástico do Aldi e tiravam de lá seus almoços horrorosos.

Na sacola de Shawna havia meia dúzia de talos de aipo cortados finos e enrolados em plástico-filme, e um pote de homus de baixa caloria com pimenta, enquanto Lucy tinha trazido um pão de sementes sem glúten e um caldo de frango que ainda estava fumegando após ser aquecido no micro-ondas da cantina.

Jade pegou seu pote da bolsa. Ela havia trazido um pacote de salgadinhos de cebola, uma pequena embalagem de chocolate Maltesers, um sanduíche de pickles e presunto que parecia um peso de porta e uma lata de Pepsi. Não tinha a menor vontade de imitar a dieta de suas colegas de trinta e poucos anos. “Dane-se o biquíni”, pensou ela enquanto mordia o sanduíche.

— Então, como vão as coisas com aquele cara da balada com quem você estava saindo? — Shawna perguntou a Lucy,



lambendo uma gota de homus que tinha caído em uma das suas unhas falsas.

— Ele está sendo um maldito idiota. — Lucy fungou. — Disse que ia me levar para jantar na noite passada, acabou sendo no Nando's, e aí passou o resto da noite secando a vadia magrela que estava no caixa. Quer dizer, quem faz isso em um encontro? É muita falta de respeito.

— Sério? Ele é um cafajeste.

— Eu sei. Mas ele vai lá em casa hoje à noite. Eu disse que ia cozinhar. E você? E o cara tatuado do Tinder?

— Denzel? Ele diz que realmente gosta de mim, mas não me dá notícias há quatro dias. Qual é a dele?

Jade balançou a cabeça e deu outra mordida em seu sanduíche.

— Terrível. Eu não sei como você aguenta. Eu estou muito feliz porque não preciso mais passar por isso — falou ela, entre mordidas. Eram conversas assim que a lembravam de quanta sorte tinha de ter encontrado Kevin no Case Seu DNA, mas estava irritada por ele morar do outro lado do mundo, na Austrália. Antes de receber o e-mail confirmando seu Par, ela tinha estado na mesma posição de suas colegas, embora gostasse de pensar que era mais seletiva com homens. Na realidade, ela havia saído com o mesmo tanto de idiotas, ou “quebra-galhos”, como a *Cosmopolitan* os chamava.

— É, você deu sorte — Lucy disse. — Você encontrou seu homem.

— Mas não é como se ele estivesse na minha porta, né? — Jade respondeu. — Eu não posso dar uma passadinha para

jantar e dar uns beijos, posso? Pelo menos estão interagindo com esses caras, mesmo que eles tratem vocês feito merda.

— Mas, no fim, é assim que os homens são, não é? — disse Shawna. — Se você não é uma dos milhões naquele banco de dados que já arranhou um Par, então precisa se virar com o que tem até que o cara certo apareça. *Se* ele aparecer.

— Até lá temos que aguentar um monte de imbecis — acrescentou Lucy.

— Não, meninas, vocês estão erradas. — Jade se deliciava em lhes dizer o que deveriam fazer. — Se nós garotas nos juntássemos, reescrevêssemos as regras e concordássemos em *parar* de deixar que nos tratem como bosta, então os caras não teriam escolha além de parar com o jogo. Até lá, eles só vão continuar, porque deixamos.

— O que eu não entendo é o que impede você de ir até a Austrália viver feliz para sempre com Kevin — Shawna disse. — Se a ciência disse que ele é o cara certo pra você, então por que está desperdiçando sua vida aqui?

— Eu não posso largar tudo e ir. — Jade balançou a cabeça com firmeza. — Você sabe quanto custa um voo para a Austrália? Eu acabei de pagar *um* dos meus cartões de crédito. Além disso, tenho que pensar no meu apartamento, na minha carreira, na minha família...

— Seu apartamento é alugado, você não tem uma carreira, você tem um trabalho que odeia, eu sei disso porque todas nós odiamos este lugar, e você vê sua família uma vez a cada século. Então, no fim, você não tem desculpas.

— E também não é como se você estivesse saltando no escuro, é? — Lucy continuou. — Vocês foram literalmente feitos um para o outro. Me diga o que você gosta nele.

Jade riu. Não tinha nada que ela não gostasse em Kevin. Bem, exceto seu CEP.

— Ele é engraçado, faz com que eu me sintam bem comigo mesma, é gentil, tem um sorriso maravilhoso...

— Vocês mandam fotos ousadas um para o outro?

— Claro que não! — Jade ficou indignada. — Eu não sou uma puta. — Na verdade, ela tinha tentado uma vez, mas Kevin não pareceu animado.

— Nossa. — Lucy riu. — Tem foto minha pelada por aí o suficiente para quebrar a internet.

Jade concordou e deu uma de suas risadas exuberantes que todo mundo amava.

— Então se vocês não fazem isso, fazem *sexting*, certo? — Shawna interrompeu.

— *Sexting*?

— É, mandam mensagens indecentes um para o outro, ou falam putaria ao telefone? Você diz o que quer fazer com ele quando encontrá-lo?

Jade balançou a cabeça.

— Uma conversa sexy no Skype? Ou no Facetime?

— Kevin não tem nenhum dos dois. — Jade tinha sugerido falarem no Skype algumas vezes, mas ele não tinha computador nem um celular moderno. Se ela achava que suas finanças iam mal, não era nada comparado à situação de Kevin



e sua cidadezinha no fim do mundo. Era uma das muitas coisas que eles tinham em comum.

— Ele mora na Austrália ou em 1950? — Shawna continuou. — Não é do seu feitio deixar um homem enrolar você.

— Eu não preciso vê-lo se mexendo e fazendo caretas idiotas para saber o que sinto por ele.

Shawna e Lucy trocaram olhares e concordaram com a cabeça ao mesmo tempo.

— Definitivamente é amor — disse Shawna. — Nada escapa da nossa srta. Jade Sewell, mas se ele é tão incrível quanto você diz, você precisa parar de perder tempo e ir vê-lo.

— Ou você vai acabar como nós. — Lucy deu uma risadinha, embora Jade pudesse sentir algo em seu tom que parecia um aviso. — Sério, Jade, querida, nós temos poucas opções aqui. Todo dia outro cara gato é agarrado pelo seu Par. Eu e Shawna somos como abutres que sobraram para catar os ossos do que ficou para trás e, acredite em nós, não é legal. De verdade, não é. Se eu tivesse a chance de ficar com meu Par, estaria no próximo avião para fora daqui, não sentada no chão almoçando em frente à entrada de serviço de um hotel.

— É, pare com as desculpas — Shawna acrescentou.

— Garotas como nós não fazem esse tipo de coisa — Jade disse, um pouco chocada por quão direta Lucy estava sendo. — Eu não posso deixar tudo para trás e ir assim. E como eu disse, um voo para a Austrália custa um rim e um fígado.

— Quanto você tem no seu cartão de crédito?

— Bem, eu acabei de pagar um...



— Qual o limite do seu cartão?

— Alguns milhares, acho.

— Então use o cartão para pagar suas férias. O que você tem a perder? Você precisa criar coragem, magrela.

— Não me faça criar coragem e dar na sua cara com ela. Não sou dessas de perseguir um cara até o outro lado do mundo.

Shawna e Lucy a fuzilaram com o olhar, ambas com as sobrancelhas definitivas erguidas o máximo que o botox permitia.

— Você não está perseguindo o que já é seu.

— Eu não posso — Jade repetiu, e então hesitou. — Posso?

NICK

— EU ACHO QUE DEVERÍAMOS FAZER — Sally murmurou, deitada, encarando as vigas expostas que sustentavam o teto do quarto iluminado pela luz da rua.

— Você normalmente leva mais tempo do que isso, mas não estou reclamando — Nick respondeu ao tirar a cabeça do meio das pernas dela e emergir de debaixo da colcha. A mão dele se moveu para a mesinha de cabeceira, onde ela guardava os brinquedos deles.

— Não estou falando de sexo — Sally disse. — Eu acho que deveríamos fazer o teste do Case Seu DNA.

Nick voltou para seu lado da cama.

— Que jeito de acabar com o clima, gata.

— Desculpa.

— Por que agora? Antes de Sumaira e Deepak aparecerem para jantar e falarem disso, você estava certa de que não precisávamos.

— Ah, amor, eu ainda estou — ela respondeu, passando os dedos nos pelos do peito dele, como que desejando acalmá-lo.

— Mas, como Sumaira disse, nos daria mais segurança, só pra saber. *Saber* de verdade.

“Maldita Sumaira”, pensou Nick, mas não reclamou em voz alta.

— Você tem certeza de que esse não é seu jeito de me dizer que está nervosa por causa do casamento?

— Claro que não, tonto. — Sally puxou a cabeça dele para beijá-la. — Mas você sabe como eu sou. Pra você é tranquilo, seus pais estão juntos desde a Idade das Trevas, enquanto minha mãe já se casou três vezes, e meu pai está na quarta esposa. Os dois estão sempre buscando por algo que acham que não têm, e eu realmente não quero ser como eles. Quero saber que, pelo menos biologicamente, eu tenho uma chance.

— E se nosso DNA não for um Par?

— Então saberemos que talvez precisemos nos esforçar mais no nosso relacionamento. Como John Lennon disse: “Amor é tudo de que você precisa”.<sup>[2]</sup>

— É, mas ele também disse “eu sou a morsa”,<sup>[3]</sup> então não vamos nos apegar muito a suas pérolas de sabedoria.

— Então, você topa? — Ela olhou para ele, implorando.

Nick não conseguia dizer não quando ela exibia aqueles olhos de cachorrinho pidão.

— Se deixa você feliz, então, sim, eu topo. Agora, posso voltar a fazer outra coisa que deixa você feliz?

Sally viu um lampejo do sorriso dele antes de a cabeça de Nick desaparecer debaixo da colcha e se enfiar outra vez no meio de suas pernas.

ELLIE

O RÁDIO-RELÓGIO MOSTRAVA 3H40 DA MANHÃ quando Ellie finalmente desistiu de dormir.

Com um dia agitado pela frente, ela precisava desesperadamente de descanso, mas seu cérebro ativo não parecia receber a mensagem. Em vez disso, corria como um trem-bala, lembrando-a do que ela precisava fazer nas próximas horas para promover seu aplicativo recentemente reformulado. Em circunstâncias normais, ela teria tomado um dos remédios para dormir que seu médico havia receitado, mas não podia arriscar estar sonolenta quando precisava estar alerta.

Ser entrevistada pela imprensa mundial era algo que Ellie tinha passado a odiar desde que, com relutância, havia se tornado uma figura pública. Uma década antes ela era mais uma anônima abelha-operária, ocupada nos bastidores. Então, no momento seguinte, a imprensa mundial a elogiava e a destruía na mesma medida. Isso a fez ficar mais forte, e ela rapidamente ganhou uma reputação de implacável em sua busca por tornar seu negócio um dos mais bem-sucedidos do



mundo. Insinuavam que ela tinha usado métodos inescrupulosos para chegar lá, mas não havia evidências concretas, eram apenas boatos. Ellie havia pagado gente suficiente para garantir que a história de seus primeiros dias no negócio nunca fosse revelada.

Conforme o apetite público por sua história crescia, os tabloides examinaram cada pedaço de sua vida particular, investigando seu passado como se ela estivesse em um tribunal. Eles esmiuçaram seus relacionamentos e distribuíram dinheiro suficiente para que seus ex revelassem como ela era como pessoa, namorada e amante.

Isso deixou Ellie desconfiada não só da imprensa, mas de todo mundo, e namorar se tornou algo quase impossível. E, embora reconhecesse que era injusto pensar que todos os homens eram farinha do mesmo saco, cada vez que conhecia alguém novo suas barreiras se erguiam e ela questionava a motivação por trás do interesse. Eles só estavam interessados no dinheiro dela? Transar com uma bilionária era uma história boa para os amigos? Ou ela veria outra manchete escandalosa no *Sun on Sunday*? Ellie não conseguia se lembrar de alguma vez em que Bill Gates, Mark Zuckerberg ou Tim Cook tivessem sido jogados aos leões por causa de sua vida sexual, embora isso parecesse acontecer com ela com uma frequência impressionante.

Ela se virou de lado, esticou as pernas e se lembrou de como tinha sido obrigada a contratar uma equipe jurídica especificamente para soltar alertas cada vez que imaginava que a imprensa estava aprontando. Então, depois de meia dúzia de

casos de calúnia bem-sucedidos, ela se tornou cara demais para mentirem a seu respeito e eles perderam o interesse. Sua assessoria de imprensa era quem cuidava das questões públicas, e ela desligou seus alertas do Google, além de sair do Facebook e do Twitter para evitar qualquer tentação de saber o que as pessoas estavam escrevendo sobre ela. Só quando era absolutamente necessário ela aparecia em público como a chefe da empresa.

Ellie soltou um grunhido frustrado para sua falta de cansaço, jogou os lençóis para o lado e acendeu o abajur. Lembrou-se do e-mail que tinha recebido horas antes, confirmando que um Par para seu DNA havia sido identificado. Ela tinha se inscrito uns dez anos atrás, quando a empresa ainda estava engatinhando, e com sua popularidade crescendo rapidamente, supôs que seria apenas uma questão de tempo antes de ela encontrar seu Par.

Quando o número de usuários registrados passou de um bilhão, Ellie começou a perder as esperanças. Seu Par ou estava em um relacionamento feliz com outra pessoa, ou vivia em um país subdesenvolvido sem acesso ao teste ou aos resultados, ou então só não estava interessado em saber.

Ellie se acostumou a viver sozinha e, nos últimos anos, tinha ficado ocupada demais com o trabalho para se importar. Não precisava de um relacionamento para ficar contente, ela podia fazer isso por si mesma. O que um Par poderia acrescentar à sua vida que ela não fosse capaz de encontrar sozinha?

Ainda assim, precisava reconhecer que uma pequena parte dela estava interessada em saber quem era essa pessoa.

— Dane-se — ela disse em voz alta e pegou o celular. Abriu o e-mail, pagou as 9,99 libras pelos detalhes do seu Par e esperou. Dois minutos depois, uma resposta automática chegou à sua caixa de entrada.

Nome: Timothy Hunt. Idade: 38. Ocupação: analista de sistemas. Olhos: cor de mel. Cabelo: preto. Altura: 1,80 m.

A descrição dele englobava mais ou menos metade dos homens do mundo ocidental, ela pensou.

Ellie começou a digitar um e-mail para sua assistente:

Ula, descubra tudo que puder sobre Timothy Hunt, um analista de sistemas na Leighton Buzzard. O e-mail dele está copiado abaixo. Me mande o que encontrar de manhã. Obrigada.

Para surpresa dela, Ula respondeu imediatamente. “Essa maldita nunca dorme?”, Ellie se perguntou.

Ele tem uma entrevista de emprego com a gente? Não o vejo na minha lista.

Então Ellie respondeu:

Mais ou menos. Ache uma foto dele. Procure ajuda, se precisar.

Ellie pôs o celular de volta na mesa de cabeceira e voltou para debaixo do edredom. Virou-se para o outro lado e encarou o lugar vazio na cama, o lençol tão esticado e imaculado quanto pela manhã, quando sua empregada o havia trocado.

*image  
not  
available*



## CHRISTOPHER

CHRISTOPHER A ENCAROU FIRME pela janela do restaurante, tentando decifrar sua linguagem corporal.

Amy, seu Par no Case Seu DNA, estava sentada à mesa com os braços e os calcanhares cruzados. Ela parecia nervosa, ele pensou. Mas segundo um dos muitos vídeos no YouTube que ele viu sobre o assunto, isso queria dizer que ela estava na defensiva. Os dois sentimentos funcionavam para ele, uma vez que o deixavam em vantagem.

Amy olhava para o relógio na tela do celular pelo menos uma vez por minuto. Ela com frequência brincava com o cabelo ou batia o pé na perna da cadeira. Era uma mulher atraente, ele reconheceu, e era exatamente como na foto que tinha enviado para ele, depois de aplicar um filtro, é claro.

Seu cabelo longo e escuro tinha uma leve ondulação. Óculos de aros pretos emolduravam seus olhos, e a maquiagem em sua pele clara era sutil. Ela tinha uma constituição esguia, mas não tentava anunciar isso; vestia-se de forma segura, com calças, saltos, uma blusa azul simples e uma jaqueta.

*image  
not  
available*

Agir como um cavalheiro era fácil para Christopher, mas outras atitudes, como ler expressões faciais e se importar com as emoções dos outros, ele teve que aprender por meio de livros ou em artigos na internet. Ele ensaiou vários sorrisos diferentes enquanto esperava que Amy voltasse, e checkou seu celular para ver onde a Número Oito estava. Esperava que ela tivesse voltado para casa quando ele e Amy terminassem a sobremesa, pois eram apenas dez minutos de carro do restaurante até o apartamento dela.

Christopher pegou Amy guardando o celular na bolsa enquanto saía do banheiro e se perguntou se ela estava ligando para uma amiga para informar que seu primeiro encontro com seu Par estava indo bem. Estava claro que ela era parte dos 92% que sentiam uma atração imediata pelo seu Par.

Então, quando se sentou, havia algo na forma como ela passava a língua pelos lábios que fez com que o sangue lhe subisse de leve à cabeça, como a primeira tragada em um cigarro ou quando ele se levantava rápido demais. Christopher atribuiu isso ao cansaço e afastou o sentimento tão rápido quanto ele tinha chegado.

— Está tudo certo? — ele perguntou. Ela ainda estava visivelmente corada.

— Sim. Só precisei ligar para o meu trabalho — respondeu.  
— Foram semanas caóticas.

— Eu acho que não perguntei o que você faz.

— Ah, eu achei que tinha dito. — Amy deu um gole em sua bebida. — Sou policial.

*image  
not  
available*



pareceu nervoso com a notícia, mas ela garantiu que não era uma forma sutil de tentar terminar com ele. Longe disso, pensou.

Jade pegou o celular e ligou a câmera, então tirou uma selfie com a fazenda dos pais de Kevin ao fundo. Digitou, com os dedos tremendo tanto que ela ficou grata pelo corretor ortográfico.

Ei, querido, tudo bem?

Quase imediatamente, ele respondeu:

Ei! Morri de saudades! Você já resolveu o lance do celular?

Sim, obrigada.

Eu estou com as vacas no estábulo, este lugar fede, cara!

Ahhh, pobrezinho! Adivinha onde estou?

Na cama?

Tente outra vez.

*image  
not  
available*

— Nós vamos fazer dar certo, eu sei que vamos — ele disse. — Milhões de casais fizeram e não seremos uma exceção. Só porque nosso DNA não é um Par, isso não significa que não devemos ficar juntos. Você ainda me ama, certo? Depois de ler isso, você ainda me ama?

— Claro que sim. — A voz dela estava abafada, a cabeça enterrada no ombro dele.

— Então quem liga para o que a química ou a biologia diz? Nada vai mudar isso.

Sally engoliu em seco e começou a chorar.

— Desculpa. — Ela fungou. — Eu só queria garantir que tínhamos uma chance... Que estávamos predestinados a ficarmos juntos.

— Foda-se, em vez disso nós vamos arriscar.

Sally sorriu e eles encostaram uma testa na outra. Ela correu os dedos pelo cabelo grosso e escuro dele e puxou seu rosto, aproximando seus lábios dos dela.

— Vamos sair e comer alguma coisa — ele sugeriu. — Abriu aquele restaurante turco novo na rua de cima. Eu pago.

Sally assentiu e Nick saltou da bancada, indo na direção do cabideiro atrás da porta para pegar sua jaqueta jeans.

— E o seu? — ela perguntou, hesitante.

— Meu o quê?

— Resultado.

— Eu não ligo. — Ele deu de ombros. — Sei o que preciso saber.

— E eu preciso saber o que você não sabe. Ponha-se no meu lugar: meu noivo provavelmente tem um Par que não sou

*image  
not  
available*



*image  
not  
available*

Stereophonics e qualquer coisa com Matt Damon e Leonardo DiCaprio. Ellie não gostava de nada disso. Seu extrato bancário mostrava que seus supermercados habituais eram o Tesco e o Aldi; ele comprava quase todas as roupas na Burton's e na Next; doava por débito automático para organizações de combate ao Alzheimer e para outras instituições que cuidavam de cachorros de rua, e todo mês guardava algum dinheiro.

Nada em seu arquivo sugeria que ele fosse ou tivesse sido casado, que tivesse uma parceira atual ou filhos. Ele não tinha nenhum antecedente criminal, nenhuma falência, nem problemas notáveis com dinheiro. Sua hipoteca era modesta, ele pagava o cartão de crédito em dia, e não tinha dívida estudantil. Sua presença nas redes sociais era quase zero, com exceção de alguns comentários em um fórum do Cambridge United FC.

Em resumo, parecia que Timothy Hunt era um homem comum, mas um com quem Ellie tinha uma ligação extraordinária.

— Podemos fazer um desvio para a King's Road? — Ellie perguntou a Andrei e, em minutos, sob sua instrução, ele comprara para ela um celular novo, simples e pré-pago, para que não precisasse dar seu número verdadeiro. Ela não usava um desses desde a época de estudante falida, e se pegou sorrindo ao lembrar de um período bem menos complicado da sua vida.

Ellie digitou o número de Timothy e começou a escrever uma mensagem.



*image  
not  
available*

estava esperando para saber se ela queria sair com ele. Mas Ellie estava com medo. Tirou o celular da bolsa, então leu e releu a mensagem antes de responder. Digitou, apreensiva:

Tudo bem, eu gostaria sim.

Você está livre na sexta à noite?



*image  
not  
available*

Richard, triste por tudo que ele não poderia mais trazer para a vida dela.

Eles nunca teriam o importante primeiro encontro, nunca fariam amor pela primeira vez. Ela nunca o ouviria dizer que a amava, nunca construiriam uma vida juntos ou começariam uma família. Ela nunca saberia o que era ser a coisa mais importante na vida de alguém. O maior medo de Mandy estava se tornando realidade — ela ficaria onde estava desde o divórcio: sozinha, estagnada e acabada aos trinta e sete anos de idade.

Ela andou de um lado para outro pela sala se perguntando o que deveria fazer da vida. Não estava pronta para aceitar o que tinha acontecido. Precisava saber mais sobre o homem que havia sido roubado dela. Então decidiu entrar de penetra no velório.

Quando os tributos a Richard terminaram, os amigos dele seguiram pelo corredor até uma porta aberta, através da qual Mandy podia ver mesas cheias de refrigerantes, copos de plástico, pratos de papel e guardanapos. Ela hesitou, consciente de que não tinha lugar entre os enlutados, mas ainda assim algo a fez segui-los.

Um rock suave saía de caixas de som, enquanto uma mistura de jovens e idosos se servia e conversava. Mandy não sabia onde ficar, e se viu circundando um grupo entusiasmado, formado por homens e uma jovem mulher. Ela estava animadamente se lembrando de uma vez em que Richard,

*image  
not  
available*

## CHRISTOPHER

CHRISTOPHER SE ORGULHAVA DE MUITAS COISAS — sua aparência, sua determinação, suas habilidades de manipulação e o fato de que ele permitia que pouquíssimas coisas o tirassem do eixo.

Ele gostava de pensar que tinha um bom controle de suas emoções. Quando confrontado com algo que o desviava de um plano que tinha traçado, seus instintos o ajudavam a se adaptar rapidamente, para que pudesse manter seu objetivo.

No entanto, a confissão de que Amy era policial o pegou de surpresa. Ele havia ficado tão ocupado com suas outras atividades que não havia lhe ocorrido que deveria ter buscado mais informações sobre ela. Tinha presumido que todas as mulheres eram como as que ele perseguia — ingênuas, sem a inteligência dele e que confiavam demais nas pessoas. Uma policial não seria nada disso.

Achar seu Par não significava nada para Christopher, e ele não planejava vê-la de novo. O encontro não tinha a menor importância para ele, além de uma curiosidade vaga, mas agora subitamente a coisa havia se tornado interessante. Muito interessante, na verdade.



*image  
not  
available*

— Você está falando sério? — Ela deu uma risadinha. — Parece que você acabou de ler isso em um livro de autoajuda.

A expressão de Christopher se desfez, e ele sentiu algo próximo da vergonha — uma das muitas emoções que sabia que existia, mas que raramente havia experimentado.

— Eu disse algo errado? — ele perguntou, genuinamente confuso.

— Não, não. Ah meu Deus, você está falando sério, não está? Ah, sinto muito, só sou um pouco... embaraçoso, só isso.

— Ah. — As palavras de Amy deixaram Christopher ainda mais confuso, perguntando a si mesmo se a Amazon vinha recomendando o tipo certo de livros para ele.

Amy se inclinou para a frente e falou baixo, mas com confiança:

— Olha, Christopher, é assim que eu vejo a coisa. Eu e você somos um Par, o que quer dizer que não precisamos fazer todas as coisas que fazíamos quando estávamos saindo com outras pessoas. Você não precisa ficar parado do lado de fora do restaurante e chegar deliberadamente atrasado para me deixar nervosa, não precisa tentar me impressionar mencionando a parte chique de Londres onde você vive, não precisa sutilmente me informar que as revistas que você projeta não são para pessoas como eu e, certamente, não precisa escolher o vinho mais caro do cardápio. Nós podemos passar direto para a parte de nos conhecermos e vermos o que acontece, sem os jogos. E neste momento — e isso pode ter algo a ver com hormônios, química ou as três vodcas e uma

*image  
not  
available*

são enganados on-line o tempo todo por pessoas que fingem ser alguém que não são. Talvez Kevin fosse, na verdade, uma mulher simulando uma voz grave quando eles se falavam, ou talvez tivesse idade para ser seu pai e não queria dizer? Ou quem sabe ele não morasse com os pais na fazenda, mas com a esposa? Deve ser isso. Kevin era casado, e por isso não queria falar no Skype ou no Facetime, já que havia o risco de a mulher o flagrar. E ele provavelmente estava falando com Jade em um segundo celular secreto, que a mulher não tinha ideia de que ele possuía. Talvez tivesse um filho também, ou vários filhos com várias mulheres, como nos programas de TV sobre poligâmicos que ela tinha visto. Depois de ela se vangloriar porque Kevin era diferente de todos os babacas que Lucy e Shawna namoravam, acabou que, na verdade, ele era igual. Jade deu um soco no volante, frustrada.

Quanto mais pensava nisso, mais prováveis pareciam suas teorias e, em consequência, ela ficava ainda mais furiosa. Que belo arranjo Kevin tinha com seus amores ali na Austrália e com uma namorada que ele enrolava em outro país. Desde que tomasse cuidado, como ele podia ser pego? Seu Par não viajaria para o outro lado do mundo e apareceria na sua casa do nada, não é?

— Claro que apareceria — Jade resmungou, sentindo a temperatura subir junto com sua confiança. Ela pisou no freio e parou bruscamente. Depois de mais um retorno apressado, correu de volta para a fazenda, descendo a longa estrada de terra na direção das construções brancas à sua frente e espalhando cascalho e terra seca ao passar.



*image  
not  
available*

Isso abriria todo um novo mundo de oportunidades para mim, e eu estaria por aí tentando enfiar meu pau em vários lugares novos.

— Você está levando isso a sério demais.

— Eu só não quero que você pense que sou um enrustido, porque isso significaria que todo nosso relacionamento foi uma mentira. E este é o relacionamento mais honesto em que já estive.

— Ah querido, venha aqui. Eu só estou brincando — Sally disse. — Não acho que você é gay, mas você precisa admitir que é meio engraçado. Você é como aquela velha música do R. Kelly... “Sua mente diz não, mas seu corpo...”<sup>[4]</sup>

— Não é engraçado. — Nick completou a taça de vinho de Sally e deu um grande gole ele mesmo.

— Bem, eu não sei mais como reagir, exceto fazendo piada, porque aparentemente nós não fomos destinados um para o outro. E, embora o homem dos meus sonhos ainda precise aparecer, o homem dos seus poderia estar morando na rua de baixo. Ele também mora em Birmingham. Que coincidência estranha é essa?! Nós até já podemos conhecê-lo.

— Não seja tonta. E não existe nenhum “homem dos meus sonhos”...

— Não é isso o que o e-mail diz...

Nick revirou os olhos.

— Vamos ver se o achamos no Facebook? — Sally continuou.

— O quê?

— Vamos lá, vamos ver se encontro meu competidor.

*image  
not  
available*

formada, ela havia frequentado pubs similares para aproveitar os almoços baratos de domingo. Eles a lembravam de casa. Agora, quando ela saía à noite era para bares de vinho sofisticados, clubes exclusivos para membros e jantares grandiosos.

Ela viu seu Par sentado sozinho a uma mesa de dois lugares com um copo de cerveja parcialmente bebido à sua frente. Tim também parecia ansioso, com os olhos vasculhando o pub até encontrarem os de Ellie. Ela esperou que ele não a reconhecesse dos jornais. Tinha deliberadamente escolhido uma roupa simples, jeans e uma blusa, e prendido o cabelo para trás. Passou uma maquiagem mínima e deixou suas joias caras no cofre de casa.

Um largo sorriso surgiu no rosto de Tim quando ele acenou para ela. Quando Ellie chegou à mesa, ele se levantou para apertar sua mão e a puxou para um beijo na bochecha. Ela se inclinou para um segundo beijo na outra bochecha, mas este pegou no nariz. Os dois riram, e depois das apresentações e gentilezas iniciais, Tim foi ao bar pegar uma bebida. Voltou para a mesa com o gim-tônica dela e mais uma cerveja para ele. Dois pacotes de batatas, sabor sal e vinagre, pendiam da boca dele.

— Desculpa, mas estou morto de fome — ele disse, jogando os pacotes na mesa. — Estou com um monte de trabalho, então vim direto e não jantei. Fique à vontade. — Ele abriu um pacote e ofereceu um pouco a ela.

— Obrigada. — Ela sorriu e pegou algumas batatinhas por educação. Ellie conseguia imaginar a expressão horrorizada de



*image  
not  
available*

gosta de aparecer de penetra em funerais de gente que não conhece?

— Não! — Mandy não queria que a irmã de Richard pensasse mal dela, embora entendesse que parecia mesmo uma maluca. — Não sou nada disso.

— Então quem é você e por que está aqui?

Mandy estreitou os olhos.

— Nós somos um Par no Case Seu DNA.

— O quê?

— Eu fiz o teste do Case Seu DNA umas semanas atrás e descobri que meu Par também tinha feito o teste. Mas quando eu... quis conhecê-lo... — Mandy fez uma pausa, sentindo-se idiota. — Ele... ele tinha morrido. Era Richard.

Chloe parou e olhou Mandy de cima a baixo.

— Você está mentindo de novo.

— Eu juro que não estou. Olha. — Mandy abriu a bolsa e mostrou para Chloe o e-mail impresso confirmando que eles eram um Par.

— Por que você está aqui? — O tom de Chloe se suavizou enquanto ela digería a informação que lhe era apresentada.

— Parece bobo quando digo em voz alta, mas eu queria me despedir. Passei as últimas semanas de luto por um homem que eu não conhecia, e eu queria saber mais sobre ele. Todo mundo aqui tem essas grandes lembranças do seu irmão, e eu não tenho nada, só um nome e algumas fotos que achei na internet. Quando estava ouvindo as pessoas falarem sobre Richard, me deixei levar e inventei minha própria história.

*image  
not  
available*

No entanto, a Número Nove saiu do planejado quando, para sua decepção, a porta do banheiro se abriu com a queda da bola de bilhar — ela não estava dormindo no quarto como ele presumira. Christopher tinha saltado para fora das sombras, e ela o viu bem de frente. Ela fora lenta demais para evitar que o arame lhe envolvesse o pescoço, e ele se moveu com habilidade por trás dela, a fim de puxá-lo com força. A mulher ainda estava usando saltos, e a falta de aderência deles ao piso frio a fez se desequilibrar. Ela escorregou para trás e caiu no chão, tirando o equilíbrio de Christopher, e ele caiu junto com ela.

Na confusão, o arame ficou frouxo e ela conseguiu deslizar os dedos por baixo dele, o que lhe permitiu continuar respirando. Ela também tinha virado a cabeça, achado o polegar dele e o enfiado entre os dentes com a força de uma víbora.

— Meeeeeeeerda! — Christopher gritou por trás da máscara, e por um breve momento considerou soltá-la, a dor no seu polegar aumentando. Ele puxou a cabeça dela para trás e a bateu contra o chão da cozinha. Quando ouviu o crânio dela se partir, o maxilar se afrouxar apenas o suficiente para ele puxar o polegar, bateu a cabeça dela mais duas vezes contra o chão, até que o sangue se acumulasse no rejunte dos azulejos, e então soube que ela não reagiria mais.

Ele correu pela cozinha até a pia de aço inoxidável, tirou as luvas e lavou a ferida sob a água refrescante e gelada. Hesitante, olhou e viu que não era tão ruim quanto tinha pensado inicialmente, mas era profundo o bastante para



*image  
not  
available*

NICK

O TRÂNSITO DO MEIO DO DIA estava parado e motoristas frustrados apertavam as buzinas quando Nick e Sally chegaram em Colmore Circus, em Birmingham.

Um acidente na Queensway tinha reduzido quatro pistas a uma, e era incessante o som de britadeiras e martelos dos trabalhadores que estavam erguendo um novo prédio alto sobre as cinzas de concreto de um bloco de escritórios recentemente demolido.

Nick ergueu a cabeça para ver o destino deles e observou o nome gravado em letras vermelhas e pretas acima de duas janelas do terceiro andar: “Fisioterapia Um a Um”. Com sua formação em propaganda e marketing, ele mentalmente julgou a escolha de tipografia antiquada.

— Por que estou fazendo isso? — perguntou de novo para Sally.

— Porque nós dois precisamos saber se há alguma química entre você e esse homem.

— Isso é ridículo — Nick argumentou, como tinha feito com frequência desde que descobrira que seu Par era um

*image  
not  
available*

certas vértebras com um estalo audível quando necessário. Apesar dos desconfortos ocasionais, Nick se sentia relaxado o bastante para puxar conversa.

— Então, você é australiano?

— Não, kiwi. Sou da Nova Zelândia.

— Ah, há quanto tempo você está aqui?

— Uns vinte meses mais ou menos, embora meu visto vá expirar. Meu velho não está muito bem, então vou para casa em breve.

— Ah, sinto muito. Você vai voltar de vez?

— É a ideia. Estamos no processo de arrumar uma permissão de trabalho para minha namorada na Nova Zelândia. Ela é britânica.

“Ele tem uma namorada, ele não é gay”, pensou Nick, tranquilizado porque os dois estavam no mesmo barco. O mesmo barco felizmente heterossexual.

Enquanto Alex continuava a manipular e manobrar os ombros e o pescoço de Nick, eles conversaram sobre trabalho e aonde costumavam ir em momentos de lazer. Nick descobriu que ocasionalmente eles frequentavam os mesmos bares, mas tinham pouca coisa em comum além disso. Alex era do tipo esportista, jogava rúgbi amador na maior parte dos fins de semana — ele mostrou, orgulhoso, uma foto de seu time, o Clube de Rúgbi Solihull, na parede do consultório —, ou passava o tempo com a namorada, fazendo trilhas e escaladas. O mais perto que Nick chegava de se exercitar era correr atrás do ônibus quando acordava atrasado.

*image  
not  
available*



mentir para sempre. Mas por enquanto gostava de fingir ser uma pessoa normal e esperava que ele não estragasse tudo procurando por ela na internet.

Depois de uma longa lista de decepções, já fazia um século desde que Ellie prestara atenção em um homem. Seus últimos encontros foram com caras que só estavam interessados em usá-la como oportunidade de *networking* ou como alguém para quem fazer propostas de investimento. Outros, fosse no primeiro, segundo, terceiro ou quarto encontro, inevitavelmente davam um jeito de mencionar a fortuna dela. Ellie imediatamente brochava quando percebia que as inseguranças deles os deixavam com medo de serem emasculados por ela, e parecia que muitos acreditavam que uma mulher independente, rica e atraente como Ellie era uma ameaça que precisava ser controlada.

Quando tinha vinte anos, ela acreditava que poderia se apaixonar completamente por alguém, mesmo que ele não fosse seu Par. Afinal, vinha acontecendo há milhares de anos antes de o gene ter sido detectado. Mas conforme o tempo passava e ela cruzava a fronteira dos trinta, Ellie perdera as esperanças de ter afinidade com alguém que não fosse geneticamente programado para ela. Tinha sentido química em alguns encontros, mas sempre diminuía depois que descobria as verdadeiras intenções deles. Ela se pegou imaginando qual era a perspectiva de Tim, e agora estava tentando achar algum defeito, ficando quase desapontada por não haver nada nele para criticar.



existia quando eu e o pai de Richard nos conhecemos, claro, mas passamos mais de vinte anos juntos antes de ele falecer, e acho que nunca discutimos. Richard queria o mesmo tipo de relacionamento, ele não queria deixar para o acaso.

— O que você pensou quando descobriu o que tinha acontecido? Sobre o acidente... — Chloe perguntou e passou uma caneca de chá para Mandy.

— Parece bobo, já que eu nem o conhecia, mas fiquei arrasada — Mandy admitiu. — Acho que é como quando as pessoas descobrem que não podem ter filhos... A escolha não está mais em suas mãos, e elas sentem o luto de algo que nunca tiveram. Eu me senti assim. Parece ridículo, não? — Pensar em filhos lhe causou um aperto. Apesar do que tinha acontecido no passado, ela tinha feito vários testes e descoberto que era, na verdade, capaz de conceber. Ela achou que tinha sorte por não ser uma daquelas pobres mulheres de quem estava falando. Mas agora tinha perdido tudo: Richard, a chance de ter filhos um dia, um futuro...

— Não seja tonta — Pat disse para ela, e colocou sua mão sobre a de Mandy. — Você perdeu exatamente a mesma coisa que nós, mas tivemos a sorte de tê-lo conosco durante toda a vida dele. O que você perdeu, bem, é tão injusto.

As palavras de Pat lhe deram a segurança de que ela precisava para saber que não estava se deixando levar pelas emoções.

— Eu não achei que mais ninguém fosse entender — ela disse em voz baixa e engoliu em seco.

— Você quer ver o quarto dele?

*image  
not  
available*

Christopher culpou sua falta de sono pela carne queimada. Desde que conhecera Amy tornou-se quase impossível dormir mais do que algumas horas por dia. Ela ficava em sua casa em noites alternadas, já que era bem mais perto do trabalho dela na Delegacia Metropolitana, e o apetite sexual dela era quase tão insaciável quanto o dele. Isso significava que o tempo que ele normalmente usava monitorando o paradeiro do resto dos Números em sua lista precisava ser concentrado nas noites em que ficava sozinho.

Amy estava se mostrando mais uma complicação em uma vida já complicada. Ele tinha tido namoradas antes, mas ela era realmente diferente pelo fato de que, nas três semanas desde o primeiro encontro, ele ainda não tinha fantasiado assassiná-la. Ela era o seu Par, e Christopher considerou se alguém como ele poderia ter sentimentos genuínos por outra pessoa. A presença dela o estava tirando do eixo, mas havia algo em Amy que o fazia *querer* mantê-la por perto, pelo menos por enquanto.

Christopher tirou as batatas do forno e arrumou tudo simetricamente nos pratos. Acrescentou verduras orgânicas e um toque de vinagre balsâmico e levou o jantar para a mesa da sala. Então voltou para a cozinha — um ato completamente inesperado para ele — para esconder os pacotes de comida no fundo da lata de lixo.

— Você tem um gosto obscuro, não? — Amy disse. Ele se voltou e a viu parada na frente das estantes de livros, a cabeça inclinada para o lado, lendo os títulos nas lombadas. Cada estante estava organizada por cor, e os livros dispostos em



traços de DNA, ao menos não o encontramos, então ele é metódico. Mas embora as mulheres estejam apenas em Londres, ele parece ter uma abordagem aleatória sobre onde elas moram, o que torna mais difícil restringir o próximo local em que ele pode atacar.

Christopher sentiu um frio congelante no estômago, seu corpo todo vibrando de animação. Ele nunca tinha ouvido alguém falar sobre seu trabalho com tanto detalhe antes, sua única interação com outros a respeito desse assunto era em fóruns anônimos na internet.

— Nós achamos que ele usa as fotos para nos provocar ou para deixar claro que não tem intenção de parar — Amy continuou. — E ele deixa a mesma imagem em tinta spray no asfalto do lado de fora da casa das vítimas, para identificar que ela está lá dentro: parece um homem carregando algo nas costas.

— Sim, eu vi a foto no *Evening Standard*.

— Ele parece um fantasma, pela forma como desaparece e aparece de novo.

— O Assassino Fantasma.

Amy balançou a cabeça.

— É um péssimo nome para ele.

— O Assassino Silencioso.

— Isso não é monóxido de carbono?

— O Assassino do Cortador de Queijo.

— A palavra “queijo” faz parecer que você está banalizando o que ele faz. — Amy parou de repente. — Como você sabe que ele usa um cortador de queijo?



*image  
not  
available*

tantas horas do dia preso em um hospital ou nesta casa como eu, é só nisso que você consegue pensar. Eu não consegui evitar querer saber mais sobre você. Fui egoísta, e eu sinto muito.

Jade assentiu e considerou que, se os papéis fossem invertidos, ela também iria querer saber tudo sobre seu Par.

— Quanto... — A voz dela falhou, quando decidiu que o que estava prestes a perguntar era insensível até mesmo para ela.

— Quanto tempo eu tenho? — Kevin completou por ela.  
— Provavelmente não mais que um mês ou dois.

— E as fotos que você me mandou?

— São do verão passado.

— E é por isso que você não queria falar por Skype ou Facetime? Alguns minutos atrás eu queria matar você. Estava convencida de que você era casado e tinha filhos.

— Ha-ha! — Ele riu. — Acho que não tenho a menor chance de me casar.

Jade de repente percebeu que isso significava o mesmo para ela, e começou a se sentir muito, muito sozinha. Ela poderia, algum dia, apaixonar-se por alguém, mas não seria o cara certo. Não seria Kevin.

Ela ofereceu um sorriso simpático a ele, mas nenhuma palavra vazia. Havia pouco o que dizer que pudesse fazer alguma diferença.

— Escuta — Kevin continuou —, eu entendo se você quiser ir embora, honestamente. Porque se eu estivesse no seu

*image  
not  
available*

Nick dormiu muito pouco nos dias posteriores ao encontro, e sua fadiga constante o tornou impaciente e mal-humorado com Sally. Ele se pegou irritado com tudo que ela dizia ou fazia, de inocentes pedidos para comprar mais couve no caminho para casa até sugestões do que eles deveriam ver na Netflix.

Algo no coração de Nick tinha se desviado do caminho que ele estava seguindo, e isso o estava deixando enjoado. Ou talvez, nesse momento, fosse o cigarro que o fazia querer vomitar, mas ele não tinha certeza.

Quando Rhian voltou para dentro do prédio, ele deu uma última e longa tragada e apagou o cigarro no degrau de metal. Cheirou os dedos e torceu o nariz para o cheiro. Roupas e pele fedorentas — ele não sentira falta desses efeitos colaterais de ser um escravo da nicotina.

O celular tocou, e ele olhou para a tela — o número era privado, mas ele atendeu mesmo assim.

— Alô, Nick Wallsworth falando — ele começou.

Houve, então, uma pausa que Nick presumiu ser uma mensagem automática prestes a começar, convidando-o a falar com alguém sobre um reembolso de algo, e ele se preparou para desligar, até que ouviu uma voz que reconheceu imediatamente.

— Ei — Alex disse.

O coração de Nick acelerou drasticamente em um segundo. Ele se sentiu em parte aterrorizado, em parte exultante.

— Foi você, não foi? — Alex continuou. — Quem veio me ver.

*image  
not  
available*



protestos dele de que, agora, com um *serial killer* solto na cidade, a necessidade de escoltá-la era maior do que nunca. O lugar do segundo encontro, dessa vez em uma rua calma perto de Notting Hill, tinha sido escolhido por Tim: uma *brasserie* francesa familiar cuja decoração não era atualizada desde o governo Thatcher.

Ele estava sentado em uma banquetta de bar, arrancando o rótulo de sua garrafa de cerveja importada enquanto esperava por ela. Da calçada do lado de fora, tinha visto o terno escuro que Tim usava. Seu cabelo estava penteado de lado e Tim roía as unhas. Ele parecia ter se esforçado mais dessa vez e estava bem mais nervoso.

A ansiedade aparente dele deixou o corpo de Ellie tenso. Ela se perguntou se Tim tinha descoberto quem ela era e, como resultado, sentiu-se pressionado a causar uma melhor impressão. Não era o que queria dele. Várias vezes havia testemunhado até onde alguns homens iam em sua missão de competir com ela, ou outros que tinham imaginado que, se a enchessem de presentes caros, ganhariam seu coração. Por mais que admirasse a mulher forte que era Madonna, Ellie não era uma garota materialista.<sup>[5]</sup>

— Um gim-tônica, por favor? Hendrick's. — Tim pediu ao barman e Ellie se sentou ao seu lado. Ela gostou de ele ter se lembrado da marca preferida dela. — Você está muito bonita. — Ele observou a blusa preta, a saia na altura do joelho e as botas de couro escuro que ela estava usando.

— Você também — ela devolveu. — O terno é novo?

— Sim, como você sabe?

— Você não quer saber o que acontece no meu momento amor ao segundo peido.

Ellie riu. Havia muitas coisas em Tim que Ellie achava adoráveis: a forma como seus lábios se curvavam um segundo antes de ele cair na risada, os pontos grisalhos em sua barba, como a orelha esquerda dele era um pouco maior que a direita, o jeito como o rosto todo ficava de um tom vermelho intenso quando ele sentia vergonha.

Embora não fosse amor à primeira, nem à segunda vista, ela estava certa de que havia algo. *Algo* nele pelo qual ela estava se apaixonando.

MANDY

MANDY ESCUTAVA COM ATENÇÃO a mãe de Richard, Pat, rememorar histórias do filho, preenchendo os muitos buracos do limitado entendimento que Mandy tinha de seu Par e da vida dele.

Era o segundo encontro delas em uma semana, dessa vez em um café e loja de plantas em uma cidade no meio do caminho entre as duas.

— As mulheres para quem ele dava aula na academia o amavam. — Pat riu. — Ele era um rapaz bonito, mas havia algo na personalidade dele que elas adoravam também. Acho que é porque Richard lhes dava atenção e as escutava. Elas talvez não tivessem isso com os maridos. E, claro, algumas entenderam que isso significava que ele estava mais interessado do que realmente estava.

Mandy entendeu o que em Richard atraía essas mulheres; quanto mais ela ouvia sobre ele daqueles que o conheciam bem, mais profundamente se apaixonava, indo contra todo seu bom senso.



Agarrava-se a cada palavra de Pat enquanto ela descrevia a infância dele como lobinho escoteiro, como tinha herdado do pai o gosto por aventura e como, não importava onde no mundo ele estivesse, Richard sempre mantinha contato regular com a família por e-mail ou telefone. Ela falou de como, quando Richard tinha apenas nove anos, ele perdera o pai para um infarto fulminante e tinha imediatamente assumido o posto de homem da casa.

— Eu acho que Chloe contou a você sobre o câncer, não? O que o inspirou a viajar?

— Ela mencionou, sim.

— Bem, ele tinha dezessete anos quando encontrou um caroço no testículo, e de início não falou nada... A última coisa que um adolescente quer é que a mãe saiba que tem algo errado lá embaixo. Mas quando finalmente admitiu, eu o arrastei para o médico e em alguns dias ele estava no hospital, o caroço sendo removido. Era maligno, e ele precisou passar por algumas sessões de quimioterapia, mas em seis meses estava completamente curado.

— Deve ter sido horrível para você.

— Não foi um bom momento, não. Mas causou uma grande mudança em Richard. Acho que algo dentro dele sabia que seu tempo na Terra seria limitado e ele queria aproveitar ao máximo. E quem pode culpá-lo? Ele estava certo, afinal, e conseguiu viver mais em seus poucos anos do que muitas pessoas em uma vida inteira.

— Certamente bem mais que eu — disse Mandy. O gosto por aventura de Richard a fazia se envergonhar por sua falta de

coragem em aventurar-se. Ela não podia deixar de pensar que paisagens do mundo eles poderiam ter visto juntos se o destino não tivesse interferido.

— E você, Mandy? — Pat perguntou subitamente. — Estou aqui tagarelando sobre o Richard e como ele era, e em momento nenhum perguntei como você se sente ao ouvir minhas histórias.

Mandy soltou a caneca de café e olhou para os clientes em volta, erguendo vasos de plantas e os examinando. Um casal de idosos chamou a sua atenção, sentados lado a lado em um banco, de mãos dadas e silenciosamente observando peixes coloridos nadando em um laguinho. Ela e Richard nunca teriam a chance de envelhecerem juntos.

— Quando você fala sobre ele, sinto que há tanta coisa que perdi — ela respondeu. — Um homem de família que queria a própria família... Essa é minha ideia de um Par Perfeito. Eu me sinto dividida: fico tão feliz de ter ganhado Richard como meu Par, mas me sinto tão triste porque não pudemos nos conhecer ou ficar juntos. Dizem que você não pode sentir falta do que nunca teve, mas isso não é verdade. Sinto tanta falta dele e eu nunca sequer o conheci.

Pat colocou a mão sobre a de Mandy.

— Se serve de consolo, eu ficaria orgulhosa de ter você como minha nora.

Mandy desviou o olhar e precisou morder o lábio para que não tremesse, mas isso não foi suficiente para impedir a cascata de lágrimas que escorreu pelo seu rosto.



## CHRISTOPHER

A DOSE EXTRA QUE CHRISTOPHER tinha acrescentado ao seu expresso o animou.

Ele ainda estava exultante do assassinato simples e descomplicado da Número Dez nas primeiras horas da manhã, e não estava suficientemente cansado para ir para a cama. Havia planos demais a serem colocados em prática girando em sua cabeça. Então ele vestiu um short e um colete justo e enfiou os tênis — amarrando-os de forma que os laços tivessem exatamente o mesmo tamanho — e saiu de casa para uma corrida. Quando seus pensamentos ficavam confusos, o exercício ajudava a equilibrar a mente.

Christopher gostava de ser objeto de atenção, e ele não se importava de onde essa admiração vinha. Seus assassinatos eram anônimos, então ele buscava isso de outras formas, como usando seu melhor terno Savile Row sob medida e fazendo *test-drives* de carros que ele não tinha intenção de adquirir, ou marcando de visitar propriedades de milhões de libras que ele não podia comprar. Com frequência, andava nu pelo vestiário da academia por mais tempo do que precisava, exibindo seu